

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

DAVI MONTEIRO BENAC

A IMPORTÂNCIA DO PRÉ-VESTIBULAR GRATUITO PARA ALUNOS DA REDE
PÚBLICA E PARA O LICENCIANDO: DESAFIOS, POSSIBILIDADES E APLICAÇÕES
PRÁTICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

2016

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

DAVI MONTEIRO BENAC

A IMPORTÂNCIA DO PRÉ-VESTIBULAR GRATUITO PARA ALUNOS DA REDE
PÚBLICA E PARA O LICENCIANDO: DESAFIOS, POSSIBILIDADES E APLICAÇÕES
PRÁTICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para a
obtenção do grau Licenciado em
Geografia.

ORIENTADOR: Prof^o. Dr^o. Marco Antonio Sampaio Malagoli

Campos dos Goytacazes - RJ

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que colocou em nós uma das coisas que nos diferencia dos demais seres: o desejo pelo conhecimento. No coração do homem existe um extinto incontrolável por buscar as causas dos efeitos, de sorte que o homem nunca se sacia até encontrar a Causa Mor, que causou todas as causas, todos os efeitos e que criou o próprio princípio da causalidade, de tal forma que a busca pela sabedoria coincide com própria a busca pelo Sábio, sem contudo jamais nos tornarmos sábios.

Agradeço aos meus pais e meus irmãos que me orientaram a fazer Licenciatura em Geografia, quando na verdade minha vontade era fazer Produção Musical. Graças a eles me interessei pela Geografia, e, sobretudo, pela Ciência como um todo.

Agradeço a todos os meus professores desde a mais tenra idade até a graduação por terem colaborado para a minha formação e a todos os meus amigos por terem me dado apoio sob as mais diversas formas quando mais foi preciso.

Agradeço aos meus companheiros de sala de aula no PUUFF (Hebert Carvalho e Bruno Santos) por terem entendido o contexto social em que estávamos inseridos no PUUFF fazendo com que nossa práxis fosse, por isso mesmo, diferenciada.

Agradeço a todos os professores com que trabalhei no PUUFF e no PVS por todo o apoio que me deram sob os mais diversos aspectos quando mais foi necessário.

Agradeço ao meu Orientador Marco Antonio Sampaio Malagoli por sempre ter sido solícito, mesmo quando lhe faltava tempo, mesmo quando estava muito atarefado nas atividades acadêmicas e domésticas.

Agradeço às professoras Tatiana Tramontani Ramos e Eloíza Dias Neves por participarem da minha banca.

E por fim agradeço aos meus amigos da República Lacerdão 2000 por terem tornado minha estadia em Campos dos Goytacazes mais prazerosa no final da graduação.

Se vi mais longe foi por estar sobre os ombros de gigantes.

Isaac Newton

O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é o entendimento.

Rei Salomão

RESUMO

O licenciando necessita de espaços alternativos para complementar a sua formação, pois nem sempre os estágios supervisionados obrigatórios são suficientes para imergir suficiente e adequadamente o licenciando na prática pedagógica. Paralelamente a isto, os alunos de escolas públicas necessitam de espaços alternativos para complementar os seus saberes buscando aumentar suas chances de ingressar no ensino superior. É neste contexto que emergem os cursinhos pré-vestibulares gratuitos como excelentes oportunidades tanto para o licenciando como para os alunos da rede pública. Portanto, neste artigo nos propomos a discutir a razão de ser dos cursinhos pré-vestibulares gratuitos, além de demonstrar aplicações práticas para o ensino de geografia em um pré-vestibular gratuito realizadas no PUUFF e no PVS dando ênfase no papel do Capital Cultural na escola e no vestibular e evidenciando a diferença entre lecionar em um pré-vestibular comercial e em um pré-vestibular gratuito.

Palavras-chave: Alunos da rede pública; Formação docente; Capital Cultural; Licenciando; Licenciatura em geografia; Pré-vestibular.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Questão 124 do caderno amarelo do ENEM 2012.

FIGURA 2 - Dois quadros da coleção *A Condição Humana* de René Magritte, 1933-1935.

LISTA DE SIGLAS

CECIERJ - Fundação Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro

CEDERJ - Centro de Ensino Superior à Distância do estado do Rio de Janeiro

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

ESR - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional

IES - Instituição de Ensino Superior

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MAC - Macaé

ONU - Organização das Nações Unidas

PUUFF - Pré-Universitário da Universidade Federal Fluminense

PVCJC - Pré-Vestibular Comunitário Josué de Castro

PVS - Pré-Vestibular Social da Fundação CECIERJ

SisPVS - Sistema *on-line* do Pré-Vestibular Social da Fundação CECIERJ

TR - Tutor Representante

UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Sumário

Introdução	8
1. Vestibular e pré-vestibular: origens e significados	9
2. Pré-vestibulares: o comercial e o gratuito	10
3. Capital Cultural, escola e vestibular.....	13
4. Conhecimento escolar e mediação didática no pré-vestibular gratuito.....	16
6. Estudos de caso	18
6.1 O Pré-Universitário da Universidade Federal Fluminense – PUUFF	18
6.2 O Pré-Vestibular Social da Fundação CECIERJ – PVS	19
7. Possibilidades práticas no ensino de geografia em um contexto de pré-vestibular gratuito	21
Considerações finais.....	30
Referências bibliográficas	31

Introdução

Segundo Silva (2014) os cursos de licenciatura obrigam o licenciando a fazer estágios supervisionados, geralmente alocados nos períodos finais do curso, com vistas ao amadurecimento do licenciando em relação à prática pedagógica, de sorte que ao se tornar um profissional já tenha maturidade suficiente para praticar as atividades inerentes à profissão docente. No entanto, nem sempre os estágios obrigatórios supervisionados conseguem alcançar tal pretensão. Neste ponto é que surge a oportunidade oferecida pelos pré-vestibulares gratuitos para o licenciando complementar a sua formação na prática pedagógica.

Pensando-se nesse contexto, pelo dos alunos do ensino médio segundo Silva (2014) há que se destacar a reforma do ensino médio promovida pela LDBEN de 1996:

A ideia central expressa na nova Lei, e que orienta a transformação, estabelece o ensino médio como a etapa conclusiva da educação básica de toda a população estudantil e não mais somente como etapa preparatória de outra etapa escolar ou do exercício profissional. Isso desafia a comunidade educacional a pôr em prática propostas que superem as limitações do antigo ensino médio, organizado em termos de duas principais tradições formativas: a pré-universitária e a profissionalizante. (BRASIL, 2002, p. 8 apud SILVA, 2014, p. 10).

Deste então o Ensino Médio possui três funções: a função pré-universitária; a função profissionalizante; e a função conclusiva. Entretanto, para Silva (2014) o Ensino Médio fica sobrecarregado com essas três funções e muitas vezes não consegue cumprir a função pré-universitária, por isso muitos alunos quando chegam ao terceiro ano do ensino médio passam a procurar alternativas para superar tal déficit, e o pré-vestibular gratuito aparece como a principal alternativa.

Por fim, o presente trabalho visa contribuir para uma reflexão envolvendo o licenciando e o professor recém-licenciado em geografia a partir da vivência do autor em dois pré-vestibulares gratuitos, visto que é uma árdua tarefa realizar a mediação didática (e até mesmo a chamada transposição didática) entre o que o licenciando aprendeu na universidade e o que ele irá construir com seus alunos no pré-vestibular gratuito.

1. Vestibular e pré-vestibular: origens e significados

No senso comum o *vestibular* é apenas um exame de qualificação obrigatório para ingressar no ensino superior, e por *obrigatório* entende-se que todas as IES devem adotá-lo como forma única de ingresso. Algumas escolas de ensino básico, como o Colégio Pedro II (na cidade do Rio de Janeiro), Colégios de Aplicação vinculados a universidades, Institutos Federais e Escolas Técnicas também exigem que seus alunos façam exames de qualificação. No entanto, isto é a exceção para as escolas de ensino fundamental e médio, e não a regra. Diante desse quadro é necessário fazer a seguinte indagação: Por que é obrigatório fazer um exame de qualificação para ingressar no ensino superior e para os outros níveis de ensino não é obrigatório? Melhor dizendo: Por que existe vestibular? Será que é somente porque não há vaga para todo mundo no ensino superior? Veremos aqui que a origem do vestibular está amalgamada com os seus significados.

Segundo Bonfim (2003 apud WHITAKER, 2010) o vestibular foi criado em 1910 no Brasil e recebeu o nome de *Exames Vestibulares* em 1915. No entanto “foi na década de 1920 que o número de candidatos ao ensino superior ultrapassou o número de vagas” (GUIMARÃES, 1984, apud WHITAKER, 2010, p. 291), isto é, o vestibular não foi criado porque o número de candidatos ultrapassou o número de vagas, como é comum pensarmos hoje. E qual é o sentido de fazer um exame de qualificação quando o número de candidatos ainda não excede o número de vagas? Podemos encontrar pelo menos dois significados para essa pergunta: Um é o de excluir, e, portanto, o vestibular desde a sua origem possuiria um significado excludente; o outro, é que é necessário verificar quem está apto a ingressar no ensino superior, o que indicaria um abismo qualitativo entre os ensinos básico e superior, e, portanto, o vestibular possuiria desde a sua origem um significado de verificação.

É o pré-vestibular que surge no momento em que o número de candidatos excede o número de vagas, e não o vestibular:

[...] foi na década de 1920 que o número de candidatos ao ensino superior ultrapassou o número de vagas, tendo surgido então aquele que pode ser considerado o embrião dos cursinhos pré-vestibulares. (GUIMARÃES, 1984 apud WHITAKER, 2010, p. 291)

Portanto, por um lado o pré-vestibular possui desde o início um significado inclusivo, pois visa preparar os alunos para o vestibular de forma que eles consigam ser incluídos no ensino superior; por outro, pode ser excludente, pois se tiver caráter comercial tenderá a excluir os que não têm recursos para pagar o curso; e se for gratuito e tiver processo seletivo exclui aqueles que não conseguem passar no processo seletivo.

Ainda há que se acrescentar outro significado para o pré-vestibular: a preparação para o vestibular.

Através da pesquisa de Guimarães, observa-se o aparecimento da “ideia” de que era preciso preparar os candidatos para aquelas que viriam a ser as disciplinas básicas do curso superior a ser seguido. Nessa mesma linha, surgiram, logo depois, cursinhos preparatórios para os vestibulares de Medicina, Direito e Filosofia (WHITAKER, 2010, p. 291)

Portanto, o pré-vestibular desde o início possui um significado preparatório para o vestibular. No entanto, afirmar esse caráter preparatório seria contestável, pois este é diferente de uma prova que o professor prepara para os seus alunos pelo fato de ser uma avaliação externa, e, portanto, o professor não sabe exatamente o que será cobrado no vestibular. Mesmo com o edital e com as matrizes de referência que orientam as questões a serem cobradas no vestibular é muito difícil que o professor saiba exatamente o que irá ser cobrado no vestibular. Para enfrentar tal desafio muitas vezes os professores recorrem às avaliações dos vestibulares anteriores para melhor preparar os seus alunos. Mas nem sempre os vestibulares repetem um mesmo padrão de questões. Outro aspecto questionável é a precisão no direcionamento adequado para cada curso buscado nas universidades, pois é cada vez mais raro que os vestibulares tenham disciplinas específicas que permitam a verificação do aluno, isto é, se ele está apto ou não a ingressar em determinado curso, como é o caso do ENEM, em que a prova do candidato ao curso de medicina é a mesma aplicada aos candidatos aos cursos de direito, engenharia, economia, etc.

2. Pré-vestibulares: o comercial e o gratuito

Segunda Vargas (2013) há três tipos de pré-vestibular: o comercial ou *business*, o institucional ou alternativo e o popular. Embora os pré-vestibulares institucionais e populares

sejam diferentes, possuem algo em comum que os diferencia do comercial: ambos são gratuitos. Por isso optamos aqui por classificá-los dentro do mesmo tipo: o gratuito.

O que diferencia o pré-vestibular comercial dos demais é a busca do lucro:

[...] Até meados dos anos 1990, os cursinhos pré-vestibulares constituíam a oportunidade de conseguir bons lucros para os seus donos, ao explorarem um poderoso universo sem restrições ou censuras. São os chamados pré-vestibulares Comerciais ou *Business*. Esses pré-vestibulares, chamados de “loucura calculada”, baseavam-se, segundo Pezzi (2002), em conseguir, em dez meses, a compactação do conteúdo de três anos do Ensino Médio, ou mesmo em quatro meses no chamado semi-extensivo. Os professores desses cursinhos tornaram-se referência para muitos jovens ao ensinarem em salas de aula com 100 ou 200 alunos os seus truques, macetes e atalhos de raciocínio, para vencerem a barreira do exame vestibular (PEZZI, 2002, p. 65 apud VARGAS, 2013, p. 319)

Mas o que diferencia os pré-vestibulares institucionais dos populares? Os pré-vestibulares institucionais estão ligados a uma IES pública, mas não visam outras políticas de acesso ao ensino superior além do vestibular; já o pré-vestibular popular sim, além do focar também na construção da noção de cidadania:

Os pré-vestibulares Institucionais ou Alternativos estão vinculados às próprias universidades públicas, através de práticas institucionalizadas de extensão universitária em todo o País. Através dessas políticas extensionistas, o Estado, na representação das Universidades, diminui a ação da movimentação social e antecipa uma demanda da sociedade que reivindica o acesso à Universidade, mas não resolve a dificuldade de acesso para entrada nas próprias instituições (CASTRO, C. 2005, p.11). O modelo de curso pré-vestibular no âmbito institucional muitas vezes não propõe outra alternativa que não seja o próprio vestibular para o acesso à Universidade. Já os pré-vestibulares Populares vêm de ações políticas de atores engajados em projetos e ações que têm como eixo a transformação social da realidade por meio da preparação e do incentivo às classes populares para ingressarem no ensino superior gratuito (CASTRO, C. 2005, p.9). Além disso, no pré-vestibular popular o foco não é só o exame vestibular, mas também a construção da noção de cidadania. Nesse modelo,

o curso trabalha a ideia de que o aluno tem direito de acesso ao ensino superior gratuito e de qualidade e que outra possibilidade de entrada para universidade pode ser pensada. (VARGAS, 2013, p. 319)

Esta ideia de que, além do vestibular, "*outra possibilidade de entrada para universidade pode ser pensada*", parece algo muito distante, mas na verdade não é. Na Argentina praticamente não existe vestibular, por exemplo.

Não há vestibular ou provas de admissão para ingressar no ensino superior argentino. Exceção feita aos cursos de medicina e engenharia civil de Buenos Aires, que possuem algumas provas de admissão antes do ingresso. Não haver vestibular é na verdade, uma consequência de um sistema de ensino público e gratuito muito mais amplo e abrangente que o brasileiro, em que 75% das vagas no ensino superior são públicas e gratuitas, enquanto no Brasil essa porcentagem é inversa, sendo apenas 30% das vagas de ensino superior em Universidades públicas. (TRIBESS, 2009, p. 03)

Portanto, é possível pensar em outras possibilidades de acesso ao ensino superior além do vestibular. A autora demonstra ainda que essas diferenças entre o sistema universitário brasileiro e o argentino decorrem de uma luta social travada em 1918 na Argentina chamada *Reforma Universitária de Córdoba*, que é silenciada no Brasil.

Algumas dessas grandes diferenças entre o sistema universitário argentino em relação ao sistema brasileiro têm suas origens na “Reforma Universitária de Córdoba”. Esta reforma aconteceu na cidade de Córdoba (hoje, segunda maior cidade da Argentina) em 1918. Naquela época as Universidades de toda a América espanhola ainda eram comandadas pelos religiosos. A Reforma foi na verdade uma greve estudantil pedindo ensino livre e laico, democratização da administração da Universidade e ensino público e gratuito para todos. Depois dessa greve estudantil, que depôs o Reitor da Universidade de Córdoba, houve uma intervenção estatal que instituiu o ensino público, gratuito e laico universal (este mesmo ensino que se expandiu na década de 60). Depois desta rebelião contra a ordem universitária estabelecida, a participação estudantil, o ensino laico, a diferente forma de avaliação e outras conquistas daquela reforma são vistas, na Argentina e em diversos países da América Latina, que sentiram o “eco”

de Córdoba, de forma desejável e são inclusive asseguradas nos estatutos das Universidades. [...]. Além disso, o “eco” de Córdoba foi abafado de forma a nunca ser ouvido em terras brasileiras. (TRIBESS, 2009, p. 5)

Portanto, é necessário haver uma reforma universitária para que o vestibular seja drasticamente reduzido ou até mesmo extinto. Este é um tema que pode ser amplamente debatido com os alunos de um pré-vestibular popular no âmbito da construção da noção de cidadania.

3. Capital Cultural, escola e vestibular.

Antes de tudo é necessário dizer que *Capital Cultural* é um conceito do sociólogo francês Pierre Bourdieu e, em diversos momentos a seguir não usaremos o conceito de classe social porque, para este autor

[...] as classes sociais não existem (...). O que existe é um espaço social, um espaço de diferenças, no qual as classes existem de algum modo em estado virtual, pontilhadas, não como um dado, mas como algo que se trata de fazer[...] (BORDIEU, 1996, p. 26-27 apud AZEVEDO, 2003, p. 01).

Portanto, ao invés de usar o conceito de classe social, serão usadas as categorias bourdieunianas de *posição espacial* e *campo social*.

Há uma máxima no senso comum de que a escola é o lugar onde o conhecimento é construído de forma democrática. Contrariando essa tese, Bourdieu (1999) percebeu que o ensino não é construído da mesma forma com todos os alunos, como a escola faz parecer. Segundo o autor, os alunos pertencentes às posições espaciais mais favorecidas no campo social trazem de berço uma herança que ele chamou de *Capital Cultural*. Este é uma metáfora criada pelo autor para explicar como a cultura, em uma sociedade com desiguais posições espaciais no campo social, se transforma numa espécie de "moeda de troca" em que aqueles que ocupam as posições espaciais dominantes no campo social a utilizam para acentuar as desigualdades. A cultura se transforma então em um instrumento de dominação. Além disso, aqueles que ocupam as posições espaciais dominantes impõem aos que ocupam as posições espaciais dominadas no campo social sua própria cultura, dando-lhe um valor incontestável fazendo com que seja vista naturalmente como cultura boa. Bourdieu (1999) percebeu essa

dinâmica e a batizou de *Arbitrário Cultural Dominante*. Este nada mais é do que a imposição de uma cultura sobre outra.

Uma das mais importantes contribuições deste pensamento para o campo da educação foi transpor toda essa ideia para o contexto escolar. A escola dissimuladamente contribui para que o Arbitrário Cultural Dominante continue sendo construído como tal e dessa forma acaba favorecendo alguns alunos em detrimento de outros. Os alunos que pertencem às posições espaciais menos favorecidas no campo social são justamente aqueles que não tiveram contato com o Capital Cultural em seus três estados (BORDIEU, 1999): o *incorporado*, que está ligado ao corpo e por isso pressupõe incorporação, isto é, custa tempo a ser investido pessoalmente; o *objetivado*, que está ligado à aquisição de objetos culturais, tais como quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas etc.; e o *institucionalizado*, que está ligado à aquisição de diplomas institucionais.

Os alunos pertencentes às posições espaciais menos favorecidas no campo social não conseguem dominar os mesmos códigos culturais que a escola valoriza. O aprendizado para eles é muito mais difícil. Bourdieu (1999) entende que assim a escola marginaliza os alunos que pertencem às posições espaciais menos favorecidas no campo social enquanto privilegia os alunos mais dotados de Capital Cultural. Por isso o discurso de igualdade que a escola prega não funciona na prática. Os filhos de pais diplomados por terem familiaridade com um saber que a escola demanda tem mais chances. Não é porque os alunos pertencentes às posições espaciais menos favorecidas no campo social possuem uma incapacidade. Não é porque eles não possuem cultura, mas porque eles não possuem a cultura que a escola demanda. A escola não cobra dos alunos apenas o que foi ensinado. Ela cobra outras habilidades que são fáceis para uns e estranhas para outros. Assim ela acaba enfatizando as diferenças. Deste modo os alunos que cresceram em posições espaciais menos favorecidas no campo social, ou que não possuem um bom capital da cultura dominante, se enganam e pensam que a dificuldade é falta de inteligência.

Agora que já conceituamos Capital Cultural é necessário entendermos a relação que existe entre Capital Cultural e vestibular. O Capital Cultural é algo que pode facilitar ou dificultar o acesso ao ensino superior porque o vestibular, assim como a escola, não cobra somente o que foi ensinado, cobra também outras habilidades que são fáceis para uns e estranhas para outros.

Para exemplificar

A partir deste momento, passarei a escrever na primeira pessoa do singular adotando uma postura fenomenológica ou existencial (Vasconcelos, 2002). Falo agora como “eu mesmo”, ou seja, o meu discurso é sobre algo que em muitos momentos vivenciei, o que não me autoriza a dispensar fontes de dados, mas permite que também seja eu, uma dessas fontes. (WHITAKER, 2010, p. 291)

Eu fiz o ENEM em 2011 e fui aprovado para fazer licenciatura em geografia na UFF no segundo semestre de 2012. O resultado da minha aprovação saiu após o encerramento das inscrições do ENEM de 2012. Portanto, quando saiu o resultado do ENEM de 2011 eu já tinha me inscrito para o ENEM de 2012, e por isso eu fui fazer a prova de 2012. Nesta prova eu tive uma imensa alegria no segundo dia de prova na questão 124 do caderno amarelo. Esta questão “caiu” na prova de *Linguagens, códigos e suas tecnologias*, e tratava sobre um assunto bastante raro na escola: a música. E não era um tipo de música que a maioria dos alunos está habituada a escutar. A maioria das escolas não tem aula de música, ou história da música ou educação musical. As aulas de educação artística muitas vezes são somente focadas nas artes plásticas. Durante a minha vida escolar só tive um professor de educação artística que lecionou, além de artes plásticas, outros conteúdos como cinema, música, teatro etc. Sendo assim, boa parte do conhecimento musical que os alunos têm é passado através da família ou da posição espacial que o aluno ocupa no campo social. Observe do que se trata a questão (Figura 1).

O gabarito para essa questão é a letra C e eu tive a imensa felicidade de acertar. Eu nunca estudei isso na escola. Eu sabia a resposta certa para essa questão porque meu pai gosta muito de rock progressivo, sempre me falava de Mutantes e eu acabei herdando este Capital Cultural do meu pai e da posição espacial que eu ocupo no campo social.

Portanto, observa-se que a escola não cobra somente o que ela ensina, e o vestibular não cobra somente o que é ensinado nas escolas. A escola e o vestibular cobram também conhecimentos gerais, populares e eruditos que na maioria das vezes são adquiridos com a família, e isto reforça as desigualdades entre as posições espaciais no campo social.

QUESTÃO 124

Capa do LP *Os Mutantes*, 1968.Disponível em: <http://mutantes.com>. Acesso em: 28 fev. 2012.

A capa do LP *Os Mutantes*, de 1968, ilustra o movimento da contracultura. O desafio à tradição nessa criação musical é caracterizado por

- A letras e melodias com características amargas e depressivas.
- B arranjos baseados em ritmos e melodias nordestinos.
- C sonoridades experimentais e confluência de elementos populares e eruditos.
- D temas que refletem situações domésticas ligadas à tradição popular.
- E ritmos contidos e reservados em oposição aos modelos estrangeiros.

FIGURA 1 - Questão 124 do caderno amarelo do ENEM 2012.

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, 2016.

4. Conhecimento escolar e mediação didática no pré-vestibular gratuito.

O conhecimento escolar é um saber social e a sua produção se dá na relação em que ele estabelece com os demais saberes sociais, como o conhecimento científico e o conhecimento cotidiano.

[...] o processo de constituição do conhecimento escolar ocorre no embate com os demais saberes sociais, ora afirmando um dado saber, ora negando-o; ora contribuindo para sua construção, ora se configurando como obstáculo a sua elaboração por parte dos alunos. Dentre os diferentes saberes sociais, o conhecimento científico e o conhecimento cotidiano se mostram como dois campos que diretamente se inter-relacionam com o conhecimento escolar [...] (LOPES, 1999, p. 104).

E a mediação didática é o ato de estabelecer pontes entre o conhecimento científico produzido na universidade e o conhecimento escolar.

[...] o conhecimento escolar é essencialmente uma cultura de segunda mão em relação à cultura de criação: é subordinada à função de mediação didática e determinada pelos imperativos decorrentes dessa função. Ou seja, o conhecimento científico e/ou erudito não pode ser transmitido na escola tal qual é produzido. Há necessidade de processos de transposição didática, capazes de tornar os saberes escolares dotados de especificidade, frente aos conhecimentos científicos e/ou eruditos. (LOPES, 1999, p. 19)

Ainda segundo Lopes (1999), mediação didática é o mesmo que transposição didática. No entanto, a autora prefere utilizar a palavra mediação, pois a palavra transposição muitas vezes dá a ideia de reprodução de saberes:

No capítulo sete, analiso o processo de mediação didática, defendendo ser este um termo mais apropriado para o processo de reconstrução dos saberes científicos na escola do que o termo “transposição didática”, extremamente ambíguo, por tender a significar apenas reprodução de saberes. (LOPES, 1999, p. 19)

De fato é um grande desafio para o licenciando ou para o professor recém-formado construir o conhecimento escolar com seus alunos, sobretudo porque muitas vezes na graduação o licenciando tem a sensação de que o que ele estuda é muito diferente do que ele irá lecionar, e quando começa a lecionar não sabe como “transpor” o conhecimento científico da universidade para os seus alunos.

No pré-vestibular este desafio é ainda maior, porque o professor tem ainda de lecionar todo o conteúdo escolar em apenas um ano, tendo que muitas vezes lecionar o conteúdo de um bimestre inteiro em uma única aula, e, portanto, não sabe como “transpor” o conhecimento científico da universidade para os seus alunos de forma didática em tão pouco tempo.

No pré-vestibular gratuito soma-se ainda o déficit educacional dos alunos ocasionado pela má qualidade de onde egressaram. Sendo assim, muitas vezes o professor de um pré-vestibular gratuito não tem que somente revisar o conteúdo que os alunos aprenderam na escola, mas tem de ensinar todo o conteúdo que os alunos não aprenderam na escola em virtude da má qualidade do ensino público.

6. Estudos de caso

6.1 O Pré-Universitário da Universidade Federal Fluminense – PUUFF

O período de realização de experiências no PUUFF tratado neste trabalho é de um ano e meio, entre os anos de 2015 e 2016. Este pré-vestibular é localizado na UFF - ESR, Bloco C, 2º Piso, Sala dos professores.

O PUUFF é um projeto de extensão da UFF que surgiu no final do ano de 2010, com o nome PVCJC (uma homenagem póstuma ao geógrafo Josué de Castro, autor de *Geografia da Fome*) e sua primeira turma foi concluída em 2011. Surgiu através da iniciativa do Movimento Estudantil do ESR em virtude da chegada de novos cursos, principalmente das licenciaturas em Geografia, História e Ciências Sociais, pois até então o ESR só tinha o curso de Serviço Social.

O PUUFF possui 13 disciplinas: Matemática, Língua Portuguesa, Literatura, Redação, História, Geografia, Biologia, Física, Química, Espanhol, Inglês, Sociologia e Filosofia; e uma média de 26 professores. O número elevado de professores se deve ao fato de cada disciplina ter pelo menos dois professores. Esta medida foi tomada porque a maioria dos professores é composta por universitários, e precisam estudar além de lecionar. Sendo assim, cada professor leciona uma aula a cada 15 dias. Então nenhum professor fica prejudicado em seus próprios estudos e aulas. Os professores não possuem uma ementa a ser seguida. Sendo assim cada dupla de professores monta livremente a ementa da disciplina. Alguns professores são bolsistas e outros são voluntários. Mas todos os professores ganham ao final do ano um certificado de 150 horas acadêmicas. Os professores passam por um processo seletivo no início do ano, composto por uma prova prática de 20 minutos e uma entrevista. Os professores contam com materiais didáticos como quadro branco, canetas pilot, Datashow, computadores, apostilas, livros didáticos e uma sala de aula que fica no Bloco C do ESR, 2º piso, Sala dos professores.

No começo do ano o projeto realiza a divulgação do processo seletivo em escolas públicas, redes sociais, jornais, no Centro de Atendimento Psicossocial – CAPS e na própria universidade. Os alunos também passam por um processo seletivo realizado na própria universidade em um domingo no início do ano com questões objetivas do 1º e 2º ano do Ensino Médio composto por uma prova com questões objetivas de Português, Matemática, História, Geografia, Física, Química e Biologia. Os alunos selecionados são os que obtêm as maiores notas no processo seletivo. A princípio existem 75 vagas devido ao tamanho da sala

de aula. É formada uma lista de espera com todos os alunos que fizeram o processo seletivo e com os alunos que não fizeram também, mas desejam fazer o curso. Se um aluno faltar duas semanas consecutivas, ele é excluído do curso e uma vaga se abre para um aluno que está na lista de espera, e, caso os alunos da lista de espera não queiram, a vaga é cedida para os alunos que não fizeram o processo seletivo, mas desejam fazer o curso.

Verifica-se, portanto, que o PUUFF é um pré-vestibular institucional pelo fato de estar ligado a uma IES pública e por não propor outras políticas de acesso ao ensino superior além do vestibular, além de não trabalhar a noção de cidadania.

6.2 O Pré-Vestibular Social da Fundação CECIERJ – PVS

O período de minhas experiências no PVS tratado neste trabalho é de cinco meses, entre agosto e dezembro de 2016.

Conforme nos mostra o Manual do Tutor do PVS 2015, O PVS possui um total de 56 Polos espalhados em escolas estaduais e municipais em 12 bairros das zonas norte, sul e oeste do Município do Rio de Janeiro e em diversas cidades que abrangem todas as regiões do estado do Rio de Janeiro: Metropolitana, Baixadas Litorâneas, Serrana, Médio-Paraíba, Costa Verde, Centro-Sul, Norte e Noroeste. O Polo com mais detalhe a seguir é o MAC, onde o pré-vestibular funciona aos sábados, das 09h00 as 18h00. Cada Polo possui 08 tutores para 08 disciplinas presenciais e 02 tutores para 02 disciplinas à distância. Um Polo padrão engloba seis turmas de 60 alunos, totalizando 360 vagas. Dentre os tutores de um Polo, um é escolhido pela direção do PVS para ser TR do projeto no dia a dia do Polo/Escola. Ele deverá tomar as providências necessárias para que os dias de aula aconteçam dentro da normalidade e relatar, semanalmente, os fatos relevantes ocorridos. Na maior parte dos Polos as aulas funcionam aos sábados de 08h00 as 17h00 ou de 09h00 as 18h00, alguns funcionam terça e quinta. Somando todos os 56 Polos, têm em média 500 tutores, 26 coordenadores de disciplina, dois administradores do site e dos sistemas *on-line*, uma designer gráfica responsável pela editoração de livros e todo o material de divulgação, duas assistentes sociais e três assistentes administrativos.

O programa foi criado em 2003 e oferecia as disciplinas Língua Portuguesa e Matemática, com três horas cada aos sábados. Posteriormente foram incluídas outras disciplinas. Em 2004 incluiu Biologia e Física; em 2005, Química e Geografia; em 2006, História; e em 2007, Redação. Atualmente também possui Língua Estrangeira (Inglês e Espanhol). O curso possui aulas presenciais de 55 minutos cada, tutoria à distância (Inglês e

Espanhol), simulados *on-line* e presenciais, atividades pedagógicas complementares e orientação acadêmica.

O PVS é articulado à CECIERJ, que abriga o consórcio CEDERJ, que reúne sete universidades públicas sediadas no Estado do Rio de Janeiro (UFRJ, UERJ, UFF, UNIRIO, UFRRJ, UENF e CEFET).

Os alunos passam por um processo seletivo no início e no meio do ano que consiste na entrega de documentos que comprovem carência socioeconômica. Todo o material didático é oferecido aos alunos gratuitamente; são dois módulos de apostila ao longo do curso. Todos os Polos oferecem almoço grátis aos alunos e tutores. O PVS possui um “0800” que funciona de segunda à sexta das 08h00 as 18h00 para os alunos tirarem dúvidas sobre o material didático. Os alunos do PVS que possuem frequência igual ou superior a 75% são isentos da taxa de inscrição do vestibular CEDERJ. Todo aluno do PVS têm um número identificador que é exigido em diferentes situações: no acesso à tutoria à distância, ao atendimento “0800” e aos simulados, e na isenção do pagamento da taxa de inscrição no vestibular CEDERJ.

A partir de 2009 o PVS passou a contar com um sistema de Orientação Acadêmica. Cada tutor, além de lecionar, tem de acompanhar um grupo de alunos. A Orientação Acadêmica presencial funciona a cada 15 dias e tem 15 minutos de duração. Os assuntos tratados na orientação acadêmica são: formas de seleção, programas para a ampliação do acesso e assistência ao estudante em universidades; inscrições e prazos; orientação para os exames; cursos e universidades; os conteúdos dos cursos etc. Os alunos têm ainda uma orientação especial a cada 15 dias. Esta orientação é um debate com todos os alunos e todos os professores sobre assuntos pertinentes ao vestibular. Estes assuntos possuem textos de apoio disponibilizados no site do PVS. Toda semana os alunos recebem uma Carta aos Alunos abordando todas as recomendações para o(s) próximo(s) dia(s) de aula.

Os tutores do PVS passam por um rigoroso processo seletivo no início do ano composto por uma prova teórica com questões objetivas de Língua Portuguesa e Conteúdo Específico, e uma prova prática de 15 minutos. Após o processo seletivo os tutores passam por um programa de capacitação que ocorre de duas formas: presencial e a distância. A capacitação presencial é realizada de acordo com a programação da coordenação de cada disciplina e comunicada aos tutores com antecedência mínima de 15 dias. A capacitação à distância se dá semanalmente, por meio de relatórios e planejamentos registrados pelos tutores no SisPVS, da troca de e-mails entre os coordenadores e tutores bem como mediante à leitura de um quadro de avisos disponibilizado no site do PVS. Os tutores têm de lançar semanalmente a frequência dos alunos e um relatório contendo os seus horários de entrada e

saída no dia, o número de alunos por turma, o número de alunos que entregaram atividades, etc. Cada tutor possui duas coordenações: uma geral e uma específica. Toda semana os tutores recebem por e-mail e pelo quadro de avisos no site do PVS uma Carta aos Tutores, abordando todas as recomendações para o(s) próximo(s) dia(s) de aula. Todos os tutores do PVS recebem bolsa. O valor das bolsas varia de acordo com o número de turmas do tutor e o tipo de tutoria (presencial ou à distância). Os tutores designados para Polos diferentes daqueles aos quais se candidataram recebem um adicional de deslocamento e de hospedagem se for o caso. Os tutores também recebem canetas pilot, apagadores e recargas para utilização em sala de aula com quadro branco.

Diante de todas essas informações, verifica-se que o PVS, mesmo diferindo do PUUFF em diversos aspectos, também é um pré-vestibular institucional por estar ligado a diversas IES públicas do estado do Rio de Janeiro (UFRJ, UERJ, UFF, UNIRIO, UFRRJ, UENF e CEFET) e por não propor outras políticas de acesso ao ensino superior além do vestibular, além de não construir a noção de cidadania, embora seja mais inclusivo que o PUUFF pelo fato de ter um processo seletivo que consiste na entrega de documentos que comprovem carência socioeconômica.

7. Possibilidades práticas no ensino de geografia em um contexto de pré-vestibular gratuito

Até aqui refletimos o pré-vestibular gratuito de forma geral sem especificar muito essa ou aquela disciplina, pois de fato a reflexão do pré-vestibular gratuito não deve ser do interesse de uma ou outra disciplina, mas deve ser um interesse conjunto de todas as disciplinas pela democratização do acesso ao ensino superior. Contudo, neste momento pretende-se compartilhar propostas em aulas de geografia realizadas em turmas do PUUFF e do PVS-MAC a fim de facilitar a mediação didática, em um contexto de pré-vestibular gratuito, para o licenciado em geografia e para o professor de geografia recém-formado.

Antes de tudo reitero que lecionar em um pré-vestibular gratuito é diferente de lecionar em um pré-vestibular comercial. Pelo déficit educacional dos alunos da Rede Pública, o professor de um pré-vestibular gratuito não tem que somente revisar o conteúdo, tal como fazem nos pré-vestibulares comerciais. Muitas vezes ele tem de ensinar tudo o que os alunos não aprenderam na escola. Além disso, é interessante que o professor relacione com a sua disciplina conhecimentos gerais, populares e eruditos que os alunos não estão

acostumados, para que assim eles possam se tornar mais horizontais aos alunos detentores do Capital Cultural e possam ingressar no ensino superior.

Pela oportunidade de poder montar o Plano de curso da disciplina no PUUFF em 2015, optamos por lecionar uma Introdução à Geografia na primeira aula. Esta trataria de assuntos como: O que é a ciência geográfica? Qual é o objeto de estudo da geografia? A geografia como ciência de interfaces etc. Embora isso não seja muito comum em um contexto de pré-vestibular, optamos por fazer isso porque sabíamos a realidade social em que estávamos inseridos: o pré-vestibular gratuito. Em virtude da má qualidade do ensino público muitos alunos não sabem conceitos básicos que são fundamentais para entender toda a geografia que é cobrada no vestibular. Em 2016 a primeira aula foi uma avaliação diagnóstica a fim de termos um diagnóstico dos alunos para saber quais são as maiores dificuldades deles em relação à geografia. Esta avaliação diagnóstica serviu para comprovar o que tínhamos pensado em 2015. Os alunos que egressam da Rede Pública realmente não sabem conceitos básicos da geografia que são fundamentais para entender toda a geografia do vestibular. Tanto em 2015 como em 2016, a segunda aula era sobre Categorias da Geografia. Embora as Categorias da Geografia não sejam muito cobradas como objetos de conhecimento no vestibular, elas são cobradas como habilidades e competências, ou seja, é bem raro uma questão de vestibular pedir que o aluno marque a opção correta sobre o conceito de paisagem, mas muitas questões de vestibular exigem que o aluno saiba ler e interpretar uma paisagem, saiba identificar os elementos que caracterizam uma paisagem etc. Verifica-se então que esses conceitos se configuram como fundamentais para entender toda a geografia que é cobrada no vestibular. Portanto, lecionar aulas introdutórias sobre o que é a ciência geográfica, sobre as Categorias da Geografia em um pré-vestibular gratuito é uma estratégia interessante para que os alunos adquiram um substrato geográfico necessário ao entendimento de outros assuntos da geografia.

Como já foi dito neste artigo, o Capital Cultural é um elemento decisivo para o acesso ao ensino superior. Neste sentido, tanto no PUUFF como no PVS, tanto em 2015 como em 2016, além de lecionar geografia, procurou-se relacionar a geografia com a arte (música, cinema, literatura, pintura, fotografia, etc.), e, sobretudo, a arte que os alunos carentes não estão acostumados (a arte do Arbitrário Cultural Dominante) visando tornar os alunos da rede pública mais horizontais aos alunos que ocupam as melhores posições espaciais no campo social.

Na aula de *Categorias da Geografia* no PUUFF, tanto em 2015 como em 2016, o conceito de paisagem foi relacionado à música *Paisagem da Janela* de Lô Borges e Fernando Brandt, conforme a seguir:

Paisagem da Janela - Lô Borges e Fernando Brandt

Da janela lateral do quarto de dormir
 Vejo uma igreja, um sinal de glória
 Vejo um muro branco e um voo pássaro
 Vejo uma grade, um velho sinal
 [...]
 Conheci as torres e os cemitérios
 Conheci os homens e os seus velórios
 Quando olhava da janela lateral
 Do quarto de dormir
 [...]

A partir desses versos dessa música pode-se explicar o conceito de paisagem segundo autores da Geografia Clássica como Johann Reinhold Forster. Este autor entendia “cada grande paisagem como um recorte” (FORSTER, apud MOREIRA, 2010, p. 16). Traçando um paralelo com a música, a paisagem é um recorte da superfície terrestre assim como a janela é um recorte do que vemos no exterior de uma casa. Nunca conseguimos enxergar tudo o que está fora da casa através da janela, a menos que estejamos com a cabeça fora da janela, e, portanto, fora da casa. Estando com a cabeça do lado de dentro da casa, o que enxergamos fora da casa muda conforme o ângulo que enxergamos. Para mudar o ângulo que enxergamos é necessário mudar de espaço e para mudar de espaço é necessário tempo (mesmo que curto). Portanto, a paisagem é sempre um recorte espaço-temporal.

A geografia crítica também foi utilizada para explicar o conceito de paisagem, que segundo Santos (1988, p. 21) “[...] Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”. Esta definição ajuda a complementar o conceito de paisagem exposto na música, pois paisagem não é só o que a gente vê. Nós possuímos cinco sensores perceptivos: a visão, o olfato, o paladar, a audição e o tato. A maioria de nós já teve a experiência de sentir um perfume e se lembrar de um lugar, da música que estava tocando naquele lugar, da comida que comeu naquele lugar e da temperatura que estava naquele lugar,

por exemplo. Portanto, os nossos sentidos são interligados. Muitas vezes quando sentimos um cheiro, automaticamente formamos uma imagem em nossa cabeça de uma paisagem. E isto serve para uma música que escutamos, para uma comida que comemos, para o calor ou frio que sentimos.

A partir desta música também é possível estabelecer relação com autores da geografia cultural como Paul Claval. Segundo Claval (2010) cada indivíduo percebe a paisagem de forma diferente, se identifica diferentemente com os elementos da paisagem, cria sentimentos de pertencimento a uma paisagem e cria uma memória em relação à paisagem. Portanto, a paisagem, além de ter uma dimensão objetiva tem uma dimensão subjetiva, como mostra a música nos versos “*Conheci as torres e os cemitérios, Conheci os homens e o seus velórios.*”, ou seja, o eu lírico da canção passou boa parte da vida dele na janela e por isso pôde acompanhar a vida dos homens pela janela, e mais do que isso, ele relaciona a dimensão objetiva (torres, cemitérios, homens e velórios) à subjetiva da paisagem (vida e morte). As torres (casas, prédios, etc.) são lugares onde os homens estão vivos, e os cemitérios são os lugares onde os homens estão mortos, daí muitas vezes a associação das cemitérios a lugares tristes.

Como último recurso para complementar o conceito de paisagem, foram usados dois quadros da coleção *A Condição Humana* do pintor surrealista belga René Magritte (Figura 2). Ambos os quadros desta obra mostram uma tela em frente a uma janela, e na pintura das telas mostra o que está por detrás da janela e/ou da parede. Dessa forma existe uma árvore real e existe uma árvore artificial, existe um mar real e um mar artificial. Isto serve para mostrar que a paisagem, mesmo sendo uma paisagem natural, é o homem, a condição humana, o enquadramento cultural, que confere o significado para a paisagem. Sendo assim existe paisagem natural, mas não existe um conceito natural de paisagem, porque todo conceito é um constructo intelectual.

Esta obra ajuda os alunos a desconstruírem a ideia de que somente é paisagem se for natural. E a própria ideia de que só é paisagem se for natural é fruto da visão naturalista na sociedade ocidental como nos mostra Carvalho (2004).

É importante destacar que o objetivo não foi somente conceituar paisagem, mas mostrar aos alunos que é possível ler e interpretar uma paisagem a partir de uma música, de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um livro, etc. A prova do ENEM cobra conteúdo, mas, é antes, uma prova que exige do aluno um modo geográfico de pensar. O aluno tem que saber ler e interpretar uma paisagem, e não somente qual é o conceito de paisagem. O aluno tem que saber ler um mapa, e não somente saber que uma escala 1/10000 é

maior que uma escala 1/100000. Portanto, o aluno tem que saber operar os conceitos da geografia no cotidiano. Daí o jargão permanente do ENEM: "Um ensaio para a vida".



Figura 2 - Dois quadros da coleção *A Condição Humana* de René Magritte, 1933-1935.

Fonte: Wikipedia, 2016.

Infelizmente não foi possível seguir no PVS uma metodologia em que se iniciasse a disciplina de geografia com aulas introdutórias sobre o que é a ciência geográfica e as categorias da geografia, pois o PVS dispõe de apostilas e uma ementa a ser rigorosamente seguida pelo professor, e esta ementa não possui estas aulas. O que foi possível fazer foi disponibilizar estas aulas e tirar as dúvidas referentes, em redes sociais.

Infelizmente não é possível exemplificar todos os objetos de conhecimento relacionados às matrizes de referência do ENEM que foram lecionados tanto no PUUFF como no PVS. Do contrário, este trabalho se tornaria muito extenso e exaustivo. Os objetos de conhecimento relacionados às matrizes de referência do ENEM que foram lecionados tanto no PUUFF como no PVS e que serão exemplificados aqui, são:

- 1º objeto – Transformações na estrutura produtiva no século XX: o fordismo, o toyotismo, as novas técnicas de produção e seus impactos;
- 2º objeto – Conflitos político-culturais Pós-Guerra Fria

- 3º objeto – A globalização e as novas tecnologias de telecomunicação e suas consequências econômicas, políticas e sociais.

No primeiro objeto utilizou-se da relação entre geografia e cinema. No PUUFF, por ter 01h40 de aula e por dispor de um projetor, foi possível passar os filmes. Sendo assim foram passados dois filmes em dois dias de aula: *Tempos modernos* – Charlie Chaplin; e *Capitalismo: uma história de amor* – Michael Moore. No PVS não foi possível passar os filmes por conta do tempo e por não dispor de projetor, mas os filmes e as dúvidas foram disponibilizados nas redes sociais. Embora, boa parte dos alunos que possuem o Capital Cultural já tenham visto esses filmes, a maior parte dos alunos da rede pública nunca viu esses filmes, mesmo *Tempos modernos* que é bastante popular. O filme *Tempos modernos* já foi alvo de questões de vestibular diversas vezes e é uma ótima ferramenta para explicar o fordismo. O filme *Capitalismo: uma história de amor*; não foi cobrado diretamente em vestibulares, mas é muito interessante para explicar as crises estruturais do modo-de-produção capitalista nos séculos XX e XXI (Crise de 1929, Crise do Petróleo e Crise imobiliária de 2008); as crises dos sistemas produtivos Taylorismo, Fordismo, e a emergência do Toyotismo; e as crises das teorias econômicas Liberalismo Clássico, Keynesianismo, e a emergência do Neoliberalismo.

Nos objetos "Conflitos político-culturais Pós-Guerra Fria" e "A globalização e as novas tecnologias de telecomunicação e suas consequências econômicas, política e sociais" utilizou-se tanto da relação entre música e geografia como da relação entre cinema e geografia. Foi utilizada a música Imagine de John Lennon e Barrie Carson Turner para contrastar os significados da globalização e a emergência de conflitos político- culturais Pós-Guerra Fria, conforme a seguir:

Imagine - John Lenoon e Berrie Carson Turner

Imagine todas as pessoas
 Vivendo o presente
 Imagine que não houvesse países
 Não é difícil imaginar
 Nenhum motivo para matar ou morrer
 [...]
 Imagine todas as pessoas
 Vivendo a vida em paz
 [...]

E o mundo será como um só
 Imagine que não há posses
 E eu me pergunto se você pode
 Sem a necessidade de ganância ou fome
 Uma irmandade dos homens
 Imagine todas as pessoas
 Partilhando todo o mundo
 [...]

Com essa música é possível trabalhar o conceito de globalização a partir de autores clássicos da geografia crítica como Milton Santos, bastante cobrado no ENEM. Segundo este autor

[...] se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro o mundo como ele pode ser: uma outra globalização. (SANTOS, 2000, p. 09)

É um grande desafio explicar a globalização para os alunos sob esse viés porque os alunos não estão acostumados com um pensamento dialético como o de Milton Santos. Observa-se que para este autor a globalização existe como fábula (tese), como perversidade (antítese) e como possibilidade (síntese). Quando começamos a afirmar a globalização como fábula e em seguida a negamos com a globalização como perversidade, os alunos entram em colapso e tendem a achar que o professor está confuso. Muitas vezes isso acontece porque o mundo tal como nos fazem crer é desmantelado diante deles e eles passam por um sentimento de espanto diante do mundo tal como ele é. Traçando um paralelo com a música de John Lennon e Barrie Carson Turner, a sua afirmação nos mostra o mundo tal como nos fazem crer (uma fábula) e a sua negação nos mostra o mundo tal como ele é (perverso).

Há várias crenças sobre o mundo que vivemos. Há uma crença de que todas as pessoas vivem o presente. Se todos vivem o presente porque em boa parte da África ainda não existe energia elétrica? Porque em vários lugares do mundo ainda existe fome? Porque a internet no Japão é muito mais rápida do que no Brasil?

Também há uma crença de que não existem mais fronteiras (não existem mais países) mediante a evolução da tecnologia, porque hoje as fronteiras entre os países podem facilmente ser quebradas através da internet com um celular, um notebook, um computador etc. Mas se não há mais fronteiras entre os países, porque existe um muro que separa o México dos Estados Unidos? Porque existe um muro que separa Israel da Faixa de Gaza? Porque a União Europeia impede a entrada de refugiados?

Quando a Segunda Guerra acabou em 1945 e a ONU foi criada, havia uma crença de que o mundo estaria em paz. A segunda metade da história do século XX mostrou que não. Ocorreram diversos conflitos periféricos na África, na Ásia, na América Latina e diversas ditaduras (capitalistas e socialistas) no mundo todo. Quando o Muro de Berlim caiu em 1989, e a URSS foi desmantelada em 1991 e a Guerra Fria “acabou”, novamente estabeleceu-se a crença da paz mundial como proferida em um discurso do ex-presidente dos Estados Unidos George Hebert Walker Bush em 11 de setembro de 1990:

Nós temos diante de nós a oportunidade de forjar para nós e para as gerações futuras uma Nova Ordem Mundial – um mundo onde o Estado de direito, e não a lei da selva governa a conduta de nações. Quando nós tivermos sucesso, e teremos, nós temos uma chance real dessa Nova Ordem Mundial – uma ordem em que uma ONU viável possa fazer seu papel de mantenedora da paz para cumprir a promessa e visão dos fundadores da ONU. (BUSH, 1990)

Mas se não existe mais motivos para matar ou morrer e todas as pessoas vivem a vida em paz como mostra a evocação utópica na canção de John Lennon e Berrie Carson Turner e o discurso de George H. W. Bush por que ainda existem diversos conflitos internos e externos, políticos, culturais, étnicos e religiosos no mundo no período da globalização? Por que os Estados Unidos invadiu o Iraque e o Afeganistão? Por que houve a Guerra do Golfo com aprovação do Conselho de Segurança da ONU? Por que dois aviões controlados pela Al-Qaeda atacaram o World Trade Center em 11 de setembro de 2001? Por que só em 2015 o Irã assinou um acordo nuclear para não sofrer mais embargo econômico? Por que só em 2014 foram tomadas as primeiras medidas para o fim do embargo econômico sofrido por Cuba? Por que o conflito entre Irlanda e Irlanda do Norte durou até 1998? Por que existiram vários conflitos entre Israel e Palestina no período da globalização? Por que existiram e existem vários grupos que praticam atentados terroristas no período da globalização? Por que houve

um atentado terrorista contra a Rússia, praticado pela Chechênia, nos Jogos Olímpicos de Inverno em Sóchi em 2014? Por que houve um genocídio de tutsis, praticados por hutus, em Ruanda em 04 de julho de 1994? Por que existem vários conflitos entre hindus e muçulmanos, indianos e paquistaneses em Caxemira na Índia?

Há uma crença de que o mundo é cada vez mais um só, porque hoje existe uma língua universal, uma moeda universal, uma cultura universal, uma tecnologia universal, etc. Mas se o mundo é cada vez mais um só, por que no início do século XX existiam 57 países e hoje existem 193? Porque existem Blocos Econômicos ou Regionais? Por que quase todo dia vemos notícias de distritos que querem se emancipar para se tornarem municípios? Por que em 2011 houve um plebiscito para dividir o Estado do Pará em três?

Há uma crença também de que ninguém passa mais fome no mundo porque a revolução agrícola propiciou alimento para todo mundo. Mas sabemos que hoje temos capacidade para alimentar o mundo inteiro e ainda sobraria alimento, e, mesmo assim muitas pessoas ainda passam fome, porque o problema não é o alimento, mas sim a sua distribuição.

Por que o presente não é o mesmo para todos no período da globalização? Qual é a razão de ser dos muros fronteiriços no mundo no período da globalização? Por que ainda existe fome no mundo no período da globalização? Por que o mundo está sendo constantemente integrado-fragmentado? Qual é a causa desses conflitos internos e externos, políticos, culturais, étnicos e religiosos no mundo no período da globalização? Segundo Santos (2000) isso acontece porque a globalização globaliza o capital, e não os homens efetivamente, isto é, a globalização como tem sido é perversa.

E como aparece a globalização como possibilidade na música? Primeiro se afirma a música, depois se nega, depois se nega a negação gerando uma nova afirmação com um novo sentido, ou seja, é possível uma globalização que globalize efetivamente os homens e isto implica inclusive a construção de um novo mundo, e não necessariamente essa globalização será utópica como descrita na música, isto é, esta nova ideia não é nem a primeira (fábula) nem a segunda (perversidade), é uma nova ideia (possibilidade).

[...] podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem

postas ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos. (SANTOS, 2000, p 10)

Para complementar a explicação foi feita a relação entre Geografia e Cinema a partir da exposição do documentário *Encontro com Milton Santos, Por uma outra globalização* de Sílvio Tandler no PUUFF. No PVS foi disponibilizado o filme e o esclarecimento de dúvidas em redes sociais. Foi possível utilizar a música em ambos os pré-vestibulares. No PUUFF a letra foi projetada e a música tocada em uma caixa multimídia e no PVS a letra da música foi levada impressa e lida em voz alta.

Considerações finais

O pré-vestibular gratuito é importantíssimo para o licenciando e para os alunos da rede pública. É importante para o licenciando pelo fato de complementar a formação da prática pedagógica oferecida nos estágios supervisionados obrigatórios e por ajudá-lo a fazer a mediação didática; e seria interessante inclusive que o pré-vestibular gratuito pudesse ser válido para cumprir a carga horária dos estágios supervisionados obrigatórios. E é importante para os alunos da rede pública pelo fato de ser gratuito e por complementar os saberes construídos na escola de forma que possa aumentar as chances ingresso desses alunos no ensino superior.

Seria interessante também que os pré-vestibulares institucionais se preocupassem com outras políticas de acesso ao ensino superior além do vestibular e com a construção da noção de cidadania, como fazem os pré-vestibulares populares. E isto implicaria inclusive em pensar numa outra forma de fazer a universidade, pois o vestibular evidencia uma falha no sistema educacional, tanto do ponto de vista quantitativo (relação candidato/vaga) como do ponto de vista qualitativo (relação ensino básico/ensino superior).

No que tange ao processo seletivo dos pré-vestibulares gratuitos, eles devem primar por processos que levem em conta a carência socioeconômica dos alunos, como faz o Pré-Vestibular Social da Fundação CECIERJ. Seria uma forma de tornar o pré-vestibular inclusivo.

Os pré-vestibulares gratuitos, tanto o institucional como o popular, devem ter o interesse por nivelar (por cima) em termos de Capital Cultura os seus alunos aos alunos detentores do Capital Cultural a fim de que eles possam ingressar no ensino superior, pois o vestibular não cobra somente o que foi ensinado na escola, cobra também outras habilidades

que são fáceis para uns e estranhas para outros, assim como a escola. Sendo assim, é necessária a interação entre o conhecimento escolar construído no pré-vestibular gratuito e a cultura do Arbitrário Cultural Dominante. Nesse sentido muitas vezes se faz necessária a relação entre conhecimento escolar e a arte do Arbitrário Cultural Dominante. É necessário reconhecer entretanto que fazer isso é fortalecer o Arbitrário Cultural Dominante e enfraquecer as culturas subalternas, mas talvez seja necessário fazer isso para aumentar a chance de ingresso no ensino superior dos alunos que pertencem as posições espaciais menos favorecidas no campo social. Para alterar esse quadro seria necessário reformular a escola, o vestibular e a universidade de forma que estes valorizassem as culturas subalternas.

No âmbito do ensino de geografia em um contexto de pré-vestibular, creio ser necessário lecionar aulas introdutórias sobre o que é a ciência geográfica e sobre Categorias da Geografia a fim de construir com e nos alunos um substrato geográfico para que eles possam entender toda a geografia cobrada no vestibular. É necessário entender também que não adianta mais o professor construir somente os conceitos geográficos com os alunos devido à mudança ocorrida entre o vestibular tradicional e o ENEM. Este último exige que o aluno saiba pensar geograficamente, operar os conceitos geográficos no cotidiano e não apenas saber os conceitos geográficos. Portanto, o professor de geografia em um contexto de pré-vestibular deve construir com os seus alunos um modo de pensar geográfico, construir com os alunos um modo de operar os conceitos geográficos no cotidiano e não apenas construir os conceitos geográficos.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. **Espaço social, Campo social, *Habitus* e Conceito de Classe Social em Pierre Bourdieu.** Revista Espaço Acadêmico – Ano III – Nº 24 – Maio de 2003 – Mensal – ISSN 1519. 6186. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/024/24cneves.htm>>. Acesso em 10 de set. 2016.

BORGES, Lô; BRANDT, Fernando. **Paisagem da janela.** Clube da Esquina, 1972.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação/** Maria Alice e Afrânio Catani (organizadores). 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, pp. 71-79.

BUSH, George Hebert Walker. **A Nova Ordem Mundial.** 1990. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lmS18LJXSWY>>. Acesso em 10 de set. 2016.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. Cortez, 2004.

CERQUEIRA, Eduardo Tramontina Valente. "**Escritos de Educação**" por **Pierre Bourdieu**". Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 2, n. 4, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/reaa/article/viewFile/11501/13269>>. Acesso em 10 set. 2016.

CHAPLIN, Charlie. **Tempos modernos**. Warner Bros, 2004.

CLAVAL, Paul. Terra dos homens: a geografia. Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

LENNON, John; TURNER, Barrie Carson. **Imagine**. EMI, 1971. Tradução: Davi Monteiro Benac, 2016.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

MOORE, Michael. **Capitalismo: uma história de amor**. Ascot Elite Home Entertainment, 2010.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?: por uma epistemologia crítica**. Editora Contexto, 2010.

PUFF. **Histórico**. Campos dos Goytacazes – RJ. 2016. Disponível em: <<http://pvcjcuff.blogspot.com.br/p/his.html> >. Acesso em 07 de dez. 2016.

_____. **Sobre nós**. Campos dos Goytacazes – RJ. 2016. Disponível em: <<http://pvcjcuff.blogspot.com.br/p/sobre-nos.html>>. Acesso em 07 de dez. 2016.

PVS. **Manual do Tutor**. Rio de Janeiro – RJ. 2015. Disponível em: <http://cederj.edu.br/prevestibular/wp-content/uploads/2016/04/Manual_Tutor_2015.pdf>. Acesso em 07 de dez. 2016.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 4ª edição, 1988.

_____. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, p. 25, 2000.

SILVA, Agnaldo Robson da. **Potencialidades de cursinhos pré-vestibulares e seus impactos na formação inicial em Química na UEPB**. 2014, p. 45.

TRIBESS, Camila. **Ciências Sociais no Brasil e na Argentina: Os Cursos da UFPR e da UNER numa Visão Comparativa**. 2009, p. 8.

UNIVESP. **Capital Cultural**. São Paulo – SP. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a3eO6-D4nHo>>. Acesso em set. 2016.

VARGAS, Kayobi de Azevedo. **Pré-vestibular institucional, cidadania e o ensino de geografia: análise do material didático do programa universidade para todos na Bahia Caminhos de Geografia**, 2013, p. 16.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **Da "invenção" do vestibular aos cursinhos populares: um desafio para a Orientação Profissional**. Revista Brasileira de Orientação Profissional, v. 11, n. 2, pp. 289-297, 2010.